

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

Artur Eduardo Benevides

Poeta. Professor Titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Ceará. Presidente da Academia Cearense de Letras, Presidente de Honra da Academia Fortalezense de Letras, membro da Academia Cearense de Retórica, da Academia Cearense da Língua Portuguesa e Príncipe dos Poetas Cearenses

Modernismo é o nome que se deu à renovação cultural do País, a partir da Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922, em São Paulo, tendo como nascente o ruidoso Futurismo vindo da Europa, ou, mais precisamente, de Paris, de onde também vieram outras inovações nas Letras e nas Artes, sobretudo a Poesia, o romance e o conto, a música, o teatro, a pintura e outras vertentes dos grandes caminhos da Cultura.

No Brasil, desde 1916, havia uma inquestionável inquietação intelectual e vacilantes manifestações nacionalistas. O Modernismo é o grande corpo, ou alma, dessa inquietação de que resultaram profundas reformulações temáticas, técnicas e lingüísticas em todos os setores de criação.

Não lhe nego o valor, mas o certo é que o Parnasianismo estava visivelmente exaurido, cansado de repetir suas fórmulas ortodoxas, entre as quais uma linguagem altamente erudita, com termos e motivos tradicionais.

Vendo o exemplo da Europa e sentindo uma imperiosa necessidade de mudança, alguns escritores e artistas, com mentalidade de vanguarda, se reuniram em São Paulo durante três dias, em fevereiro de 22, sob a direção de Mário de Andrade, com a participação, entre outros, de Menotti del Picchia, Oswald de Andrade, Cassiano Ricardo, Raul Bopp, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, constituindo um verdadeiro escândalo para os conservadores, com vaias e aplausos. E o movimento cresceu rapidamente, com a adesão de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Ascenso Ferreira e os grupos jovens, nos Estados.

Quando sai *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade, o grande criador de Macunaíma, os tradicionalistas começam a se preocupar. E os debates tomam o lugar das ironias, espalhando-se as novas idéias por

todo o Brasil. Houve muitas correntes, como o verde-amealismo, a Anta, o Pau Brasil e outras, sendo a espiritualista representada por Jorge de Lima, Murilo Mendes e Tasso da Silveira. Afinal, o Modernismo pregava liberdade total em todas as manifestações culturais: liberdade de linguagem, de temas, de construção poemática etc. Como martir, foi escolhido Olavo Bilac, condenando-se o soneto e a velha e clássica maneira de dizer as cousas. Foi um alvoroço que se espalhou rapidamente, a favor e contra. E isso despertou os prosadores, que fizeram o lançamento dos livros que comporiam aquilo que se conhece como o Romance do Nordeste e o romance do Sul, mais intimista e psicológico.

Um dos grandes temas do Modernismo, o maior, talvez, foi o próprio Brasil, desprezando-se os motivos das escolas anteriores. E vieram os poemas sobre os índios, os costumes primitivos, os caboclos, as cousas regionais e nacionais, esquecidas pelos autores que antecederam os nossos escritores e poetas de vanguarda.

Houve, porém, um excesso no aproveitamento de tais temas, o que seria condenado por Augusto Frederico Schmidt, que declarou estar farto de tanta geografia, de tanto pitoresco, de tantas criações lúdicas e de um certo carnaval literário. E começa, com a Geração de 1930, de que ele seria um dos mentores, o processo de reuniversalização da poesia brasileira e do retorno às tradições ibéricas, sem desprezar os novos processos formais. Nessa tarefa de conduzir tematicamente a poesia ao universalismo, o que seria elogiado por Tristão de Athayde, destaca-se a figura de Vinícius de Moraes. E os dois foram os grandes nomes da Segunda geração, mais calma e mais reflexiva.

No Ceará, só em 1927 começa propriamente o Modernismo, com Demócrito Rocha, Sidney Neto, Mozart Firmeza e Franklin do Nascimento que juntos publicam um pequeno livro intitulado “O Canto Novo da Raça”. Depois, teríamos publicações modernistas como “Maracajá” e “Cipó de Fogo”, de efêmera duração, destacando-se também Rachel de Queiroz. A terceira geração do Modernismo, a de 45, seria representada aqui pelo Grupo Clá, com Martins Filho, Moreira Campos, Eduardo Campos, João Clímaco Bezerra, Joaquim Alves, Milton Dias, Otacílio Colares, Antônio Girão Barroso, Mozart Soriano Aderaldo, Aluizio Medeiros, Braga Montenegro, Pedro Paulo

Montenegro e eu. Publicamos 250 livros, fizemos um Congresso nacional, dois regionais e 30 números da Revista. O Grupo teve duração de 40 anos. Mas, destaques, dentro do Modernismo, o Romance de 30, que despertou a consciência nacional para os problemas da região, através das obras de Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida, José Lins do Rego e Jorge Amado, não esquecendo a influência de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e a obra de Gilberto Freyre.

Tornemos, porém, a Augusto Frederico Schmidt.

Muitos daqueles que têm analisado o desenvolvimento da poesia brasileira não se cansam de afirmar que o autor de “Canto da Noite” é um dos dez maiores vultos da nossa Poesia. Ele se apresenta, em verdade, com uma mensagem rica de substância poética e que tem exercido influência na obra de poetas subsequentes. Nasceu com o destino dos poetas verdadeiros, para cantar a vida, o amor, a morte, a noite, o mar, a infância, as madrugadas, os túmulos e as rosas, tudo, enfim, que fosse motivo de lirismo, que gerasse o Canto, que despertasse o coração para os grandes momentos da Poesia imperecível, que Novallis dizia ser o “autêntico real absoluto”. E o poeta jamais traiu a sua vocação, compondo seu Canto, sem influências despersonalizadoras ou desfigurações formais.

A sua própria vida, diga-se de passagem, é um atestado dessa fidelidade. Homem de fortuna, possuindo muitos bens terrenos, jamais procurou fugir às solicitações do seu espírito, não se afastou nunca de seu itinerário lírico, não desertou de seus caminhos interiores, nem temeu as acusações de julgadores empedernidos. Foi comovente essa atitude de amor à Poesia em quem, como ele, viveu no emaranhado de múltiplas competições materiais. Mas a sua condição de homem de negócios não teve influência esterilizadora sobre a sua condição de artista. Permaneceu fiel a si mesmo, renovando a sua ternura criadora e aumentando as energias de sua alma, fazendo da Poesia uma arma defensiva para não sucumbir diante da pressão negativista do meio.

“A Poesia é a coisa mais importante de minha vida”, confessou, pois só através dela, em suas iluminações fugidias, em suas visitas inesperadas, conseguia ser feliz -

“Feliz como as velhas dançarinas aplaudidas de repente”.

E escreveu versos sobre “a morte dos braços decepados”, “a músi-

ca da noite”, “a estrela do deserto”, “o silêncio dos loucos”, “os bêbados dormindo”, “o abismo e a grande nuvem”, “o incompreendido que chorou e amou sua tristeza”, “os perfumes dos seios virgens nascendo das ondas”, “as flores simples que vão desabrochar nas madrugadas”, “as canções que adoçam as roucas vozes marítimas”, “a lua dos mortos e dos poetas”, “os pés que procuram as sombras e o esquecimento”, “o longo rio morto da memória”, “os gestos fundos das raízes”, “os corações dos que morreram jovens” e os “seios para os grandes saltos solitários”.

Sentiu intensamente, uma *necessidade veemente de poesia* e experimentou mil vezes o

“Desejo de tudo abandonar e sair cantando pelos caminhos”.

Ele teve uma capacidade admirável de dizer as cousas, de nos comunicar as suas experiências, sentimentos e pressentimentos. Fê-lo com simplicidade e algumas vezes com comovente beleza, valorizando sempre a Poesia, que é a sua preocupação máxima e constante.

Interessante é observar que o movimento modernista, em sua fase demolidora, quando se lançava desabridamente contra os tabus, escandalizando a mentalidade tradicionalista com violências de forma e conteúdo, extirpara da temática poética nacional velhos motivos inspiradores, considerando superados e obsoletos alguns temas que jamais poderiam envelhecer. Atravessamos, como já foi salientado pelos críticos do modernismo, uma fase de blagues, de irresponsabilidade e de divertimento, elegendo o anedótico como ponto de partida da criação artística e desprezando os motivos amplos e fecundos, tão intimamente ligados ao coração do homem.

A predileção de Schmidt pelos grandes temas é algo que jamais o abandonou e constitui um dos aspectos mais interessantes de sua obra, toda ela calcada em fontes líricas inextinguíveis. Escreveu Álvaro Lins que o poeta procurou a sua afirmação dentro desta ambição: “a de ser moderno sem se desligar do que é antigo, constituindo o caso de uma obra marcada ao mesmo tempo pela atualidade e pelo espírito do romantismo e do simbolismo. Marcada sobretudo pelo lirismo que a velha poesia portuguesa nos transmitiu como uma herança.”

Seus livros eram sofregamente lidos por todos nós, destacando-se *Navio Perdido*, *Pássaro Cego*, *Canto da Noite* (unanimemente, elogiado no Brasil),

Estrela Solitária, Mar Desconhecido e Fonte Invisível. Sua carreira, como autor, começa em 1928 e vai, gloriosamente, até 1965, quando faleceu.

Fomos grandes amigos e falo sobre ele com muita saudade. A única vez em que veio ao Ceará, para encerrar um Curso igual a este, que dirigi na Reitoria, com o prestígio de Martins Filho, foi de avião. E me disse que viajou morrendo de medo. Entre parêntesis: igual a mim...

Onde estive, no desempenho de minhas funções de professor titular da Universidade Federal, falei sempre sobre ele: no Rio, em São Paulo, em Brasília, no Recife, em Colônia (na Alemanha) e na Universidade de Rosário, na Argentina.

Hoje, está menos lido, fenômeno natural no Brasil, mas, enquanto dei aulas na UFC, durante trinta anos, meus alunos escreveram sobre ele. e o li tanto que passei algum tempo tentando libertar-me de sua influência temática e lingüística, o que ocorreu também com a obra de Rilke. Dois imensos poetas. Dois pequenos sóis no eterno céu da Poesia.

Sua contribuição à Literatura Brasileira foi notável. Até casa editora inaugurou para lançar os livros dos novos escritores. E graças a esse generoso interesse foram revelados ao Brasil figuras como Vinícius de Moraes, Jorge Amado, Lúcio Cardoso e Graciliano Ramos, entre muitos.

Sua obra pertence à categoria dos grandes livros. E sobre ele disse Francisco Campos, uma das maiores culturas do País: “um poeta cheio de música, de visões e apocalipses, assim como de beleza, de ternura, de sossegos e de angústias diante dos elementos. Um grande poeta diante do Eterno”.

Para Péricles Eugênio da Silva Ramos e Otávio de Faria, ele foi um dos mais altos nomes do Modernismo, na Geração de 30. E usou verso longo e o soneto de versos brancos (sem rima), chegando à maturidade com o livro *Mar Desconhecido*.

Por isso mesmo, é colocado entre os dez maiores poetas do Brasil, em todos os tempos. E fazemos apenas justiça a quem escreveu uma das obras mais belas da poesia brasileira, mesmo sem poder vencer, como confessou, o seu indispensável transbordamento verbal.

Que a glória de seu nome seja para sempre.